O Ballet Mecânico

Rui Peralta · 18.11.2026

POLÍTICA · CULTURA · SOCIEDADE

O espaço público é palco para manifestações, cenário de reivindicações sociais, é um espaço de tensão constante entre o uso coletivo, a liberdade de expressão e a regulação urbana. Em Democracia o espaço público é um espaço de liberdade. Pretender transformá-lo num escritório de negócios, num centro comercial, é uma Salazura.

No dia 24 de Setembro de 1924, os visitantes da Exposição Internacional de Nova Técnica Teatral, em Viena de Áustria, assistem à estreia do filme experimental dadaísta Ballet Mecânico. Com musica de George Antheil, compositor vanguardista e pianista (e inventor. Com a actriz Hedy Lamarr, criaram um sistema de salto de frequência para guiar torpedos, durante a II Guerra Mundial, um percursor do WiFi e do Bluetooth), estado-unidense, que utilizava motores, pianos automáticos e sirenes, explorando sons industriais e mecânicos. Nesta obra, o silêncio e os blocos de som são tratados com um rigor aritmético e a percussão foi transformada numa estrutura arquitectónica.

O filme foi concebido e dirigido por Fernando Léger (artista plástico e cineasta francês, um dos mestres do Cubismo) e Dudley Murphy (cineasta, argumentista e produtor, pioneiro no cinema experimental e musical, nos EUA). Contou ainda com a participação de Man Ray (artista visual, pintor, fotógrafo e cineasta) e Kiki de Montparnasse, francesa, modelo de Man Ray. Obra de vanguarda e um marco do Dadaísmo, o filme apresenta uma dança de objectos diversos, engrenagens, máquinas e formas geométricas em movimento ritmado, expressando o fascínio pela velocidade e eficiência das máquinas e demonstra ansiedade sobre a desumanização do trabalho industrial, refletindo as tensões sociais do início do século XX.

Referi esta obra, o *Ballet Mecânico*, para fazer uma ponte com o presente momento político. Portugal é atravessado por um movimento que reivindica o direito à habitação e por novas formas de estar na Cidade, novas formas de habitar. O governo responde como uma prima do mestre de obras, criando um propagandístico pacote de passos de *break dance*, assente numa mecânica destruidora de direitos, uma cópia da motosserra, desmantelando paulatinamente o SNS, e transformando a Educação Pública num imenso estaleiro para formação de mão-de-obra precária. Quanto à Cidade, a direita preconiza uma cidade senhorial, submissa e alienante, uma cidade de lojas e negócios, pulverizada de ricos e turistas, de esplanadas caras e luzes de natal, ou de ano novo, ou da páscoa, ou do 25 de Novembro, ou das inúmeras *black fridays*, uma cidade não de luzes, mas de lâmpadas pisca-pisca. Casas? Para os ricos. Os pobres, os trabalhadores, os reformados, são atirados para as periferias. Urgências hospitalares? Tem

horas. Centros de Saúde? Uma imensa muralha burocrática que impede a proximidade entre utentes e médicos de família, geridos por seguranças privados que metem os utentes em respeito, nas filas para tirar senhas, sob a chuva, o sol e o vento, que sabem tudo sobre regras e procedimentos e que, num destes dias, também efetuarão consultas online e de presença na porta de entrada, assim como as ambulâncias foram transformadas em maternidades itinerantes.

> Portugal é atravessado por um movimento que reivindica o direito à habitação e por novas formas de estar na Cidade, novas formas de habitar. O governo responde como uma prima do mestre de obras, criando um propagandístico pacote de passos de *break dance*, assente numa mecânica destruidora de direitos, uma cópia da motosserra, desmantelando paulatinamente o SNS, e transformando a Educação Pública num imenso estaleiro para formação de mão-de-obra precária

Esta tóxica forma de governar que transforma direitos em negócios, hospitais em fornecedores de agências funerárias, centros de saúde em momentos de mendigar consultas, escolas em centros de formação para as empresas, cidades em centros financeiros e habitação em exílio, é imposta de formas diversas: ou pela bastonada, umas vezes; pela máquina de propaganda disfarçada de comunicação social, quase sempre; ou pela superficialidade do discurso político transformado em idiotice, algazarra e monossílabos. O papel deste governo é passar o vazio de ideias à práxis e criar uma sociedade acéfala. Para a direita no governo (e para os seus truculentos, barulhentos e fascistóides aliados da extrema-direita) nada de ouvir falar da descida do IVA ou taxar os ultra-ricos. Trabalhar menos horas? Semana de 4 dias de trabalho? Nem pensar nisso. Para esta subcultura que se apoderou da democracia, o ideal seria aumentar as horas de trabalho e isentar os ultra-ricos. Passe de Mobilidade Nacional? Para as pessoas andarem a passear em vez de estarem a trabalhar? Aumentar Abono de Família? Rede pública de lares? Serviço Nacional de Habitação?

Em Democracia, o poder nasce da acção coletiva e do consentimento das cidadãs e dos cidadãos. A atomização e o isolamento social destroem o espaço público. Este é um espaço de bem estar, convívio, solidariedade, cultura, livre debate e partilha de recursos. Impedir as cidadãs e os cidadãos de gerirem este pilar da Democracia é violência. Desde a Ágora, na Grécia antiga, o espaço público foi desenhado para permitir o encontro, a troca de ideias e a participação direta da comunidade. E o protesto. O espaço público é palco para manifestações, cenário de reivindicações sociais, é um espaço de tensão constante entre o uso coletivo, a liberdade de expressão e a regulação urbana. Em Democracia o espaço público é um espaço de liberdade. Pretender transformá-lo num escritório de negócios, num centro comercial, é uma Salazura.

> Em Democracia, o poder nasce da acção coletiva e do consentimento das cidadãs e dos cidadãos. A atomização e o isolamento social destroem o espaço público. Este é um espaço de bem estar, convívio, solidariedade, cultura, livre debate e partilha de recursos. Impedir as cidadãs e os cidadãos de gerirem este pilar da Democracia é violência.

Vamos ver ouvir e sentir Laurie Anderson, mas primeiro lembrar que no próximo sábado há manifestação por melhores salários e pensões, controlo de preços dos bens essenciais, pelo combate ao aumento do custo de vida e pela defesa dos serviços públicos e habitação. Em Lisboa, com concentração ás 14h30. Não esquecer e aparecer.

Foto de capa: Leonardo Soares
